

MARGEM ESQUERDA

REVISTA DA BOITEMPO

35 2º SEMESTRE, 2020



Copyright © Boitempo, 2020
Margem Esquerda – revista da Boitempo n. 35

Editores

Ivana Jinkings e Artur Renzo

Assistência editorial

Pedro Davoglio e Carolina Mercês

Editor de imagens

Francisco Klinger Carvalho

Editor de poesia

Flávio Wolf de Aguiar

Preparação

Mariana Echalar

Revisão

Fernanda Lobo

Capa

Artur Renzo e Natasha Weissenborn

Imagens da capa e miolo

Nazareth Pacheco

Frasco com sangue redondo, 2007 (capa); Inclusão, 2007 (segunda capa);
Exclusão, 2007 (terceira capa), 3 gotas, 2007 (quarta capa); Vida, 2019 (p. 6);
Cadeira vinho, 2007 (p. 30); S/t borracha, 1989 (p. 31); Aprisionamento, 2001 (p. 33);
Balanço, 1999 (p. 40); Qual o mais pesado?, 2014 (p. 46); Vista da exposição na Galerie Kogan
Amaro, Zurique, Suíça, 2019 (p. 54); Impeachment, 2016 (p. 119); Black Tea, 2018 (p. 125);
Bronze e chumbo, 1994 (p. 131); Vestido preto, borracha, 1990 (p. 160).

Projeto gráfico e diagramação

Antonio Kehl

Anúncios

Heleni Andrade

Coordenação de produção

Livia Campos

Impressão e acabamento

Rettec

ISSN 1678-7684

número 35: novembro de 2020

É vedada a reprodução de qualquer parte
desta revista sem a expressa autorização da editora.

BOITEMPO

Jinkings Editores Associados Ltda.
Rua Pereira Leite, 373 – Sumarezinho
CEP 05442-000 São Paulo – SP
Tel.: (11) 3875-7250 / 3872-7285
editor@boitempoeditorial.com.br

www.boitempoeditorial.com.br | www.blogdaboitempo.com.br
www.facebook.com/boitempo | www.twitter.com/editoraboitempo
www.youtube.com/tvboitempo

CRÍTICA CULTURAL

As aventuras do dinheiro e o narrador impostor: às últimas com o fetichismo no *Esau e Jacó*, de Machado de Assis..... 93

CLÁUDIO R. DUARTE

A laranja mecânica de Stanley Kubrick: um percurso de nosso tempo.. 107

LINDBERG CAMPOS

PANDEMIA

Estamos vivendo uma reconfiguração da tecitura capitalista..... 119

MARINA MACHADO GOUVÊA

Covid-19 no Brasil: incúria, medo, ceticismo e resistência popular 125

PAULO CAPEL NARVAI

Crise orgânica, supremacia rentista e lutas de classes no ultraneoliberalismo brasileiro 131

RODRIGO CASTELO

DOCUMENTOS

Engels..... 137

ASTROJILDO PEREIRA

Apresentação

JOÃO QUARTIM DE MORAES

Três pequenas histórias 143

WALTER BENJAMIN

Apresentação

FABIO MASCARO QUERIDO

RESENHAS

A dialética da natureza como arma da crítica..... 149

MAILA COSTA

Dialética ao quadrado: negatividade e emancipação em Adorno e Safatle 152

FABIO MASCARO QUERIDO

POESIA

Caminhos cruzados: Angela Davis e Eduardo Galeano..... 155

FLÁVIO WOLF DE AGUIAR

Quem sou eu 156

ANGELA DAVIS

A utopia..... 157

EDUARDO GALEANO

Comitê de redação deste número

Alysson Leandro Mascaro • Antonio Carlos Mazzeo • Artur Renzo •
Fabio Mascaro Querido • Fernando Garcia • Ivana Jinkings • Luiz Bernardo
Pericás • Luiz Felipe Osório • Maria Lygia Quartim de Moraes •
Pedro Davoglio • Rodrigo Castelo

Conselho editorial

Afrânio Mendes Catani • Boaventura de Sousa Santos • Emir Sader • Heloísa Fernandes
• João Alexandre Peschanski • José Paulo Netto • Maria Lygia Quartim de Moraes •
Maria Orlanda Pinassi • Michael Löwy • Paulo Arantes • Paulo Barsotti • Ricardo
Antunes • Roberto Schwarz • Slavoj Žižek

Em memória

Carlos Nelson Coutinho • Emília Viotti da Costa • Francisco de Oliveira • István
Mészáros • Jacob Gorender • Leandro Konder • Miguel Urbano Rodrigues

Conselho de colaboradores

Alexandre Linares • Angélica Lovatto • Antonino Infranca • Antônio Ozaí da Silva
• Antonio Rago • Caio Antunes • Camilo Caldas • Canrobert Costa Neto • Carla
Ferreira • Carlos Eduardo Martins • Carlos Serrano Ferreira • Clárisse Castilhos •
Claudia Mazzei Nogueira • Edilson Graciolli • Fabio Mascaro Querido • Fernando
Coltro Antunes • Fernando Marcelino • Gaudêncio Frigotto • Geraldo Augusto Pinto
• Gilberto Maringoni • Henrique Amorim • Isabella Marcatti • Isleide Fontenelle
• Jair Pinheiro • Jesus Ranieri • João dos Reis Silva Jr. • João Sette Whitaker •
Jonathan Erkert • Jorge Grespan • José Luís Fiori • Kim Wilhelm Doria • Liliana
Segnini • Lincoln Secco • Luciano Vasapollo • Lúcio Flávio Almeida • Luiz Ismael
• Marcelo Ridenti • Marco Aurélio Santana • Maria Lúcia Barroco • Mario Duayer
• Mathias Luce • Maurício Gonçalves • Milton Pinheiro • Nélio Schneider • Otilia
Arantes • Paula Marcelino • Paulo Denisar Fraga • Plínio de Arruda Sampaio Jr. •
Roberto Leher • Rodrigo Castelo • Ronaldo Gaspar • Rosane Borges • Ruy Braga
• Silvio Luiz de Almeida • Sofia Manzano • Victor Hugo Klagsbrunn • Virgínia
Fontes • Wolfgang Leo Maar

200 anos de Engels

Apresentação

O artigo de Astrojildo Pereira que aqui reproduzimos foi publicado no jornal comunista Tribuna Popular em 5 de agosto de 1945, para prestar homenagem à vida e à obra de Friedrich Engels, quando se completava meio século da morte do grande parceiro de Karl Marx. Era aquele um dos mais grandiosamente dramáticos momentos da história contemporânea. O Exército Vermelho, que se cobrira de glória ao aniquilar as bordas hitlerianas, entrara em Berlim três meses antes, fazendo tremular a bandeira vermelha da foice e do martelo no topo do Reichstag. Entretanto, ninguém sabia (salvo, claro, o punhado de exterminadores que detinham o poder decisório da máquina de guerra estadunidense) que no dia seguinte, 6 de agosto de 1945, uma bomba atômica seria despejada sobre a indefesa cidade de Hiroshima, pulverizando a população. Três dias depois, façanha semelhante foi repetida em Nagasaki. Pelo menos 200 mil japoneses foram aniquilados em poucos minutos. Medido pelo critério rigorosamente objetivo da quantidade de vítimas por unidade de tempo, foi o maior extermínio da história que convencionamos chamar humana.

Em texto conciso e bem articulado, Astrojildo apresenta um límpido e objetivo retrato intelectual, político e moral de Engels, ressaltando a importância singular de sua obra e evitando chavões condescendentes (o “segundo violino”, o “principal colaborador” de Marx etc.). Cita o filósofo soviético A. V. Shcheglov, autor de estudos sobre o desenvolvimento

do pensamento marxista, para assinalar que Marx e Engels já haviam chegado ao materialismo e ao comunismo antes de iniciar sua indissolúvel parceria teórica e política. Em suma, encontra-se no artigo tudo que um leitor não iniciado precisa saber para dispor das informações básicas sobre o grande cofundador do materialismo dialético.

Três quartos de século passaram desde a publicação do artigo de Astrojildo e duzentos anos desde o nascimento de Engels. Sem pretender completar um texto que, reiteramos, cumpre perfeitamente o objetivo que se propôs – oferecer ao público amplo de leitores do jornal comunista uma boa síntese da vida e obra de Engels –, juntamos a este retrato intelectual as admiráveis premonições do homenageado sobre duas graves ameaças à própria sobrevivência da humanidade: a capacidade destrutiva ilimitada das guerras contemporâneas e a degradação crescente da natureza orgânica, com seus efeitos metabólicos.

1. Em 1895, ano de sua morte, Engels escreveu uma densa introdução para *As lutas de classe na França de 1848 a 1850*, coletânea de artigos de Marx que até então não haviam sido reunidos em forma de livro. Observando que o massacre da Comuna de Paris não suprimira a combatividade da classe operária, a qual, ao contrário, mostrava seu formidável desenvolvimento na social-democracia alemã, que soubera se servir com êxito da tática eleitoral, ele passa à constatação de que

*a transformação total de todo o sistema bélico por meio do engajamento da população capaz de manusear armas em exércitos que passaram a ser contados em cifras de milhões de pessoas, por meio de armas de fogo, projéteis e explosivos de força destrutiva até ali inaudita [...] pôs um fim súbito ao período das guerras bonapartistas e assegurou o desenvolvimento industrial pacífico, inviabilizando qualquer outro tipo de guerra que não a guerra mundial, caracterizada pela atrocidade sem precedentes e por um desfecho absolutamente imprevisível.*¹

No horizonte histórico da Europa de 1895, parecia razoável supor que o poder destrutivo das novas armas exerceria efeito dissuasivo sobre o militarismo das potências europeias, exorcizando o horrível espectro do triunfo universal da morte e tornando plausível a hipótese de um “desenvolvimento industrial pacífico”. Bem sabemos que essa expectativa demasiado otimista foi cruelmente desmentida pela história do século XX. No entanto, a antevisão de que um confronto

¹ Friedrich Engels, “Prefácio” [1895], em Karl Marx, *As lutas de classe na França de 1848 a 1850* (trad. Nélío Schneider, São Paulo, Boitempo, 2012), p. 19.

armado entre as grandes potências levaria a uma “guerra mundial, caracterizada pelas atrocidades sem precedentes e por um desfecho absolutamente imprevisível” confirmou-se inteiramente no dia seguinte ao quinquagésimo aniversário de sua morte.

2. Nas considerações finais de “O papel do trabalho na hominização do macaco”, síntese pioneira do evolucionismo e da dialética da natureza, cuja importância científica é reconhecida mesmo em ambientes distantes do marxismo (pelo grande biólogo Stephen Jay Gould, nomeadamente), Engels deixou uma advertência dramaticamente atual sobre os efeitos perversos da manipulação da natureza pela potência demiúrgica do trabalho humano:

Não fiquemos demasiado lisonjeados com nossas vitórias humanas sobre a natureza. Esta se vinga de nós por toda vitória desse tipo. Cada vitória até leva, em primeira linha, às consequências com que contávamos, mas, em segunda e terceira linhas, tem efeitos bem diferentes, imprevistos, que com demasiada frequência anulam as primeiras consequências. Aqueles que arrasaram as florestas na Mesopotâmia, na Grécia, na Ásia Menor e em outros lugares para obter terreno cultivável nem sonhavam que estavam lançando a base para a atual desertificação dessas terras, retirando delas, junto com as florestas, os locais de acúmulo e reserva de umidade. Quando os italianos consumiram na encosta sul dos Alpes os bosques de pinheiros que eram cultivados com tanto cuidado na encosta norte não desconfiaram que estavam cortando pela raiz a produção de laticínios de sua região; desconfiaram menos ainda que, desse modo, estavam drenando a água de suas fontes montanhosas.²

João Quartim de Moraes

² Friedrich Engels, “O papel do trabalho na hominização do macaco”, em *Dialética da natureza* (trad. Nélio Schneider, São Paulo, Boitempo, 2020), p. 347-8.

Engels

ASTROJILDO PEREIRA

Há justamente cinquenta anos, a 5 de agosto de 1895, falecia em Londres Friedrich Engels, o amigo incomparável, companheiro e colaborador de Karl Marx. Nasceu em Barmen, Prússia renana, a 28 de novembro de 1820, dois anos e meio depois de Marx, mas sobreviveu a este último doze anos e alguns meses; seu pai era fabricante de tecidos, e a difícil situação dos operários da fábrica paterna bem cedo feriu sua sensibilidade. Nas “Cartas de Wuppertal”*, que ele escreveu em 1839, descrevia e criticava as condições de miséria em que viviam os trabalhadores da indústria têxtil alemã.

Democrata, revolucionário, desde muito jovem ingressara Engels no movimento socialista. Em 1842, transferindo-se para Londres, acompanhou de perto a luta cartista, e aí realizou o seu famoso estudo sobre *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra***, publicado em 1845. Já antes, em 1844, publicara um trabalho crítico sobre a Economia Política, nos *Anais Franco-Alemães*, revista editada em Paris por Marx e Ruge. Em ambos esses trabalhos formulara Engels alguns dos elementos teóricos do socialismo científico.

Shcheglov observa que Engels chegou, como Marx, ao comunismo e ao materialismo antes de sua colaboração comum, isto é, independentemente um do outro. Conheciam-se desde 1841, por troca de cartas,

* Publicadas no jornal *Telegraph für Deutschland* de março a abril de 1839. Ver Marx-Engels-Werke, v. I (13. ed., Berlim, Dietz, 1981), p. 413-32. (N. E.)

** Trad. B. A. Schumann, São Paulo, Boitempo, 2008. (N. E.)

sendo Engels colaborador do jornal de Marx, a *Gazeta Renana*. O primeiro encontro pessoal de ambos se verificou em Colônia, quando aquele seguia para a Inglaterra. Mas desde então se ligaram para o resto da vida, irmanados pelo mesmo destino e por uma amizade sem exemplo em homem de tal porte.

Data de 1844-1845 a primeira obra de colaboração entre os dois: *A sagrada família**, polêmica dirigida contra os hegelianos de esquerda e particularmente contra os irmãos Bauer. “Críticando o idealismo dos hegelianos, Marx e Engels reelaboraram materialisticamente a dialética de Hegel. Descobriram as leis da dialética na realidade objetiva, na história humana; demonstraram que a verdadeira força da história humana reside não no automovimento das ideias, mas no movimento das massas.” (A. Shcheglov). Nessa obra se encontram os fundamentos do materialismo dialético e da interpretação materialista da história, sem embargo de ainda conservar certos vestígios de influência feuerbachiana. Na obra que se seguiu, também realizada em colaboração, *A ideologia alemã***, é que eles se libertaram da influência hegeliana e feuerbachiana, aparecendo como pensadores emancipados e seguros de sua própria concepção. Lembremos que *A ideologia alemã*, escrita em 1845-1846, não encontrou na época nenhum editor disposto a publicá-la, o que só aconteceu recentemente – em 1932, na União Soviética.

Por encargo da Liga dos Comunistas, escreveram em fins de 1847 o *Manifesto Comunista****, cuja primeira edição em língua alemã saiu em fevereiro de 1848. Isso se deu literalmente nas vésperas da revolução de fevereiro na França. Ainda nesse mesmo ano de 1848, Engels colaborou na *Nova Gazeta Renana*, fundada e dirigida por Marx. Suspenso o jornal em 1849, no ano seguinte fundava Marx a *Revista da Nova Gazeta Renana*, em cujas páginas publicou Engels o livro *As guerras camponesas na Alemanha*****. Por esse tempo, ou seja, em meados de 1849, participou ele da insurreição de Bade e do Palatinato contra a Prússia.

Mais tarde tomou a si a incumbência de redigir os primeiros artigos que apareciam no *Volkstaat* e no *Vorwärts*, órgãos do movimento socialista,

* Trad. Marcelo Backes, São Paulo, Boitempo, 2003. (N. E.)

** Trad. Luciano Cavini Martorano, Nélcio Schneider e Rubens Enderle, São Paulo, Boitempo, 2007. (N. E.)

*** Trad. Álvaro Pina e Ivana Jinkings, São Paulo, Boitempo, 1998. (N. E.)

**** São Paulo, Grijalbo, 1977. (N. E.)

em longa série sob o título “Subversão dühringiana da ciência”, que saiu pela primeira vez no *Anti-Dühring**, obra capital do socialismo científico.

Juntamente com Marx, Engels participou da fundação da Internacional, sendo membro do respectivo Conselho Geral, onde exerceu durante largo período as tarefas de correspondência com os socialistas de Itália, Espanha e Portugal. Depois da morte do amigo e companheiro de tantos anos, ocorrida em 1883, tornou-se o conselheiro sem par dos militantes socialistas do mundo inteiro. Referindo-se às frequentes visitas que ele recebia em sua casa em Londres, escreveu Bonnier as seguintes palavras: “Todos aqueles, e eram muitos, que o visitavam na Regent’s Park Road lembram-se da cordialidade com que eram recebidos, fosse qual fosse a graduação de cada qual no exército socialista. Desde os lutadores que se acham na primeira linha de combate, publicistas e oradores, até os simples soldados da causa, eram todos acolhidos com igual atenção e todos saíam daquelas conversações com o amigo e companheiro de Marx sentindo-se mais firmes em suas ideias e cheios de maior coragem”.

Duas outras obras consideráveis publicou Engels, além das citadas acima: *A origem da família, da propriedade privada e do Estado***, em 1884, já divulgada entre nós e em mais de uma edição, *Ludwig Feuerbach e o fim da filosofia clássica alemã****, em 1888. Mas, falecido Marx, consagrou-se sobretudo à preparação dos manuscritos relativos à segunda e à terceira partes de *O capital*, dadas a lume em 1885 e 1894, respectivamente. Deixou inacabada uma *Dialética da natureza*****, na qual se propunha estudar a evolução histórica das ciências naturais e da filosofia. E há pouco tempo se descobriu que seus e não de Marx eram os artigos – estou citando o caso de memória, não me sendo possível verificá-lo no momento em que escrevo estas notas – estampados em certo jornal americano e posteriormente reunidos no volume *Revolução e contrarrevolução na Alemanha******, sempre em nome de Marx. Era um período difícil na vida do amigo, e Engels o ajudava redigindo os artigos que o outro assinava. Tamanha identidade de pensamento que os unia, cimentando uma amizade sem pausa de quase meio século.

* Trad. Nélio Schneider, São Paulo, Boitempo, 2015. (N. E.)

** Trad. Nélio Schneider, São Paulo, Boitempo, 2019. (N. E.)

*** Em Karl Marx e Friedrich Engels, *Obras escolhidas*, t. 3 (trad. José Barata Moura, Lisboa, Avante!, 1982), p. 378-421. (N. E.)

**** Trad. Nélio Schneider, São Paulo, Boitempo, 2020. (N. E.)

***** Trad. José Barata Moura, Lisboa, Avante!, 1981. (N. E.)